

Olá. Me chamam Edu. Tenho 27 anos e optei por cursar Letras Modernas ao fim do Ensino Médio, sobretudo por uma questão de afinidade com a área das humanas e, mais especificamente, por um tão e sempre grande encantamento pela língua inglesa.

Minha trajetória pessoal já incluía desde muito o idioma em questão. Eu havia iniciado um curso de inglês aos 12 anos e o terminei aos 17, em meados do 2º ano científico. Estava, portanto, certo de que gostaria de seguir uma carreira docente.

No início da graduação, lembro-me que minha turma, que na época contava com 30 alunos, havia sido fracionada em duas para que houvesse um melhor aproveitamento na disciplina língua inglesa I. Confesso que achei a ideia bastante interessante, haja vista a proposta de um acompanhamento mais detido de cada um dos discentes. Quanto à disciplina em si, confesso que não tive dificuldades de qualquer ordem, uma vez que os conteúdos me eram já bastante familiares. Todavia, notava um certo desconforto em muitos de meus colegas, principalmente no tocante à oralidade. Nem todos se diziam preparados para elaborar sentenças em inglês. Muitos eram os esforçados. Outros tantos começaram a fazer um curso de inglês em paralelo.

Os docentes, em contrapartida, eram ótimos, nos passavam segurança e contavam com todo o *know-how* que esperávamos encontrar em professores de língua estrangeira. O laboratório para o desenvolvimento de nossas potencialidades era bastante usado não só nas aulas, mas também por alguns poucos alunos mais interessados em ampliar o contato com o idioma.

Talvez três ou quatro semestres depois, para nosso espanto e surpresa, a turma, que antes contava com trinta alunos, havia sido reduzida a metade! Muitas foram as razões e posso listá-las: desinteresse pela docência e prestação de vestibular para outra área, mudança de cidade, baixo rendimento nas disciplinas obrigatórias, medo do tamanho da matriz curricular em língua inglesa e suas respectivas literaturas mais estágio na área. A disciplina “Fonética e Fonologia da LI”, então, foi um caso à parte (embora muito bem apresentada ao nosso já pequeno grupo).

Sim, a grade era relativamente extensa e assustava alguns. Gostava do tamanho dela, acho que fazia jus ao curso de Letras com habilitação em inglês, mas percebi que nas disciplinas intituladas “Língua inglesa I, II, III (...)”, a coisa meio que se repetia em conteúdo e metodologia. Não que o livro utilizado fosse ruim. De modo algum! O livro,

até onde tenho conhecimento, é um dos melhores. Inclusive passei a recomendá-lo a meus alunos de língua inglesa que desejavam uma análise mais detida sobre alguns tópicos do idioma. O problema talvez estivesse no ritmo das aulas.

Quando nos chegou a oportunidade de cursar disciplinas como “Literatura Norte-Americana”, “Literatura Inglesa”, “Conversação” e “Linguística Aplicada”, lembro-me que fiquei/ficamos mais empolgado(s)! Era isso que estava procurando desde o ingresso em Letras! A Linguística Aplicada em especial, dialogando tão verdadeiramente com a realidade e os problemas sociais, com seu tom político e engajado, me fascinou... Uma verdadeira (in)disciplina “guarda-chuva” que muito respondia aos meus anseios e conflitos em relação ao ensino e aprendizagem de línguas.

Me ocorreu participar de pesquisas e produções em outras áreas durante o curso, haja vista a escassez de propostas na área de língua inglesa. Uma pena! Contudo, ao término da graduação, não demorei em procurar a “Especialização em Inglês como Língua Estrangeira” que, por sinal, foi especial em todos os aspectos e cumpriu com excelência dois grandes propósitos: nos preparar para uma produção técnica de qualidade, bem como para o enfrentamento da docência e seus dilemas reais. Na pós-graduação, desenvolvi melhor as minhas potencialidades de leitura e escrita, li um montante maior de artigos teóricos em língua inglesa e creio que me tornei mais confiante a partir dela. Recomendo-a!